



SALVADOR E SUAS CORES [2022]  
2ª Conferência Internacional África-Brasil:  
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

## **BAIRROS NEGROS: A PRESENÇA NEGRA NO SUBÚRBBIO FERROVIÁRIO E NO MIOLO DE SALVADOR**

*AZÂNIA MAHIN ROMÃO NOGUEIRA<sup>1</sup>*

*ANALU GARCIA BORGES<sup>2</sup>*

*ANTÔNIO PIMENTEL JÚNIOR<sup>3</sup>*

**Resumo:** O presente artigo é resultado da disciplina “Bairros Negros: a forma urbana das populações negras no Brasil”, oferecida pelos professores Henrique Cunha Júnior e Fábio Velame, no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia. Neste processo, ficou explícito que os bairros negros são os lugares na cidade onde a memória negra e a trajetória de nosso povo estão salvaguardadas, seja nos nomes das localidades, dentro dos terreiros ou nas práticas históricas de sociabilidade e para manutenção das vidas. Com isso, é possível olhar para o miolo da cidade de Salvador e percebê-lo enquanto território descendente de aquilombamentos, sendo necessária uma outra relação com o tempo e o espaço para compreender as dinâmicas urbanas que se dão nos dias atuais. Da mesma forma, é possível observar como as dinâmicas de trabalho e acesso à terra vão dinamizar o assentamento fundiário do subúrbio ferroviário e as estratégias de outrora sendo reproduzidas nas ocupações mais recentes. Concluímos que evocar bairros negros enquanto conceito analítico para compreender as cidades brasileiras é reivindicar uma outra base referencial para dialogar com o Estado, reconhecendo que a administração brancocentrada do mesmo perpetua desigualdades a partir de sua estrutura.

**Palavras-chave:** bairros negros; Salvador; subúrbio ferroviário; miolo de Salvador; quilombos.

### **INTRODUÇÃO**

O presente artigo resulta da disciplina “Bairros Negros: a forma urbana das populações negras no Brasil”, oferecida pelos professores Henrique Cunha Júnior e Fábio Velame no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia.

---

<sup>1</sup> Azânia Mahin Romão Nogueira é doutoranda em Geografia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), mestre em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), licenciada em Geografia também pela UFSC e integrante do grupo de pesquisa EtniCidades (FAU/UFBA) e do grupo de pesquisas Produção do Espaço Urbano (IGEO/UFBA). Email: [azania.mahin@gmail.com](mailto:azania.mahin@gmail.com)

<sup>2</sup> Analu Garcia Borges é doutoranda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (USP), bacharela em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e integrante do Observatório de Bairros de Salvador (observaSSA), vinculado ao grupo de pesquisa Lugar Comum-FAUFBA. E-mail: [analuborges@ufba.br](mailto:analuborges@ufba.br)

<sup>3</sup> Antônio Pimentel Júnior é mestrando em Urbanismo pelo Programa de Pós Graduação da Universidade Federal da Bahia (PPGAU-UFBA) e integrante do LEIA - Laboratório de Estudos de Imagem e Arquitetura. Email: [antoniopimentel@id.uff.br](mailto:antoniopimentel@id.uff.br)



SALVADOR E SUAS CORES [2022]  
2ª Conferência Internacional África-Brasil:  
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

Mais do que uma experiência curricular, a disciplina propõe uma “ruptura conceitual e epistemológica dentro da forma que tradicionalmente foi tratada a teoria urbana brasileira” (CUNHA JUNIOR, 2020, p. 16), ao compreender os bairros negros de forma sistêmica a partir do emprego concomitante de sete categorias de análise: i) Memória Negra - Afro inscrições negras; ii) Trabalho, ocupação e atividades econômicas; iii) Mulheres Negras; iv) Sociabilidade Negra; v) Religiosidade Negra; vi) Manifestações culturais negras; vii) Racialização do espaço urbano.

Apesar do aparente recente debate acerca das epistemologias que consideram a raça como elemento estrutural para compreender as relações sociais e como estas produzem o espaço urbano, a discussão apresentada na disciplina é sistematizada pelo pensamento negro brasileiro desde a década de 1980. Esta teoria da ciência reconhece que apesar de cada local ter a sua forma urbana de desenvolvimento, o racismo, a cultura de base africana, as relações sociais e políticas, e as relações de trabalho e econômicas são aspectos comuns a serem apreendidos para entender o espaço urbano. Dessa forma, os *bairros*<sup>4</sup> *negros* são percebidos como territórios que guardam a história da população negra, sua relação com o espaço e o tempo e, sobretudo, o lugar onde moram os nossos sonhos.

Realizada no primeiro semestre de 2022, ainda no contexto de flexibilização da pandemia de Covid-19, esta disciplina se deu de forma virtual a fim de garantir a

---

<sup>4</sup> Apesar de não ser o foco de nossa discussão neste artigo a discussão das categorias de bairro e território, é importante salientar o entendimento de bairro pautado pela Lei Ordinária nº 9278 de 2017, que dispõe sobre a delimitação e denominação dos bairros de Salvador: “Bairro é a unidade territorial com densidade histórica e relativa autonomia no contexto da cidade, que incorpora noções de identidade e pertencimento dos residentes e usuários, os quais utilizam os mesmos equipamentos e serviços comunitários, mantêm relações de vizinhança e reconhecem seus limites pelo mesmo nome.”. Nesse caso, o conceito de “bairros negros” sedimenta, por sua relação com a história colonial e escravocrata, uma grande densidade histórica em relação aos espaços em que se constituíram na forma de quilombos, bem como aos tempos passados que ainda influenciam, no presente, as culturas e sociabilidades negras urbanas ao promoverem a noção de pertencimento e identidade à população que compartilha os códigos de sua afrodescendência. Disponível em:

<<https://leismunicipais.com.br/a/ba/s/salvador/lei-ordinaria/2017/927/9278/lei-ordinaria-n-9278-2017-dispoesobre-a-delimitacao-e-denominacao-dos-bairros-do-municipio-de-salvador-capital-do-estado-da-bahia-na-formaque-indica-e-da-outras-providencias>> . Acesso em: 02 set. 2022.



SALVADOR E SUAS CORES [2022]  
2ª Conferência Internacional África-Brasil:  
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

segurança sanitária dos participantes. Assim, as pesquisas acerca dos bairros, apresentadas em sala, e aqui articuladas, ocorreram remotamente. Além disso, é importante salientar que nenhum de nós é natural de Salvador. Com certeza estes afastamentos deixarão lacunas neste esforço teóricoreflexivo que apresentamos, mas também possibilitam a superação de estigmas e preconceções frequentemente associadas aos territórios negros, tendo aqui a possibilidade de apresentar novas narrativas sobre os bairros elencados à nós.

Narrativas que subvertem a perspectiva da ausência e as representações simbólicas colocadas sobre tais territórios revelam suas articulações históricas por meio das suas sujeitas e sujeitos, entrando em diálogo com aquilo que Jorge Luiz Barbosa e Jailson de Souza e Silva (2013) cunharam acerca da potência como plataforma de leitura de territórios favelados e periféricos, sobretudo os bairros negros. Fazer a leitura dos bairros negros por essa perspectiva fortalece a percepção da existência de identidades sociais construídas pela história (CUNHA JUNIOR, 2017) e desmontam as representações socioespaciais que estigmatizam e legitimam intervenções autoritárias, que promovem apagamentos físicos e simbólicos nos territórios, como bem evidenciou Renato Emerson dos Santos (2012).

Nosso artigo se propõe a apresentar o lugar do negro em Salvador, onde estão localizados os bairros que iremos apresentar: o miolo da cidade e o subúrbio ferroviário. Originalmente, trabalhamos com oito bairros, a saber: Beiru/Tancredo Neves, Pernambués, Bairro da Paz, Cajazeiras, Uruguai, Paripe, Periperi e Trobogy. Aqui, elencamos para apresentar um bairro de cada região, apontando suas particularidades centrais, mas também dimensões comuns à área da cidade em questão. Por fim, apresentamos nossas considerações finais acerca das dinâmicas de construção e proteção de bairros negros em Salvador, e da importância do uso desta categoria analítica para pensar e atuar no espaço urbano.

## **CENTRALIDADES NEGRAS NA CIDADE DE SALVADOR: A REGIÃO DO MIOLO E DO SUBÚRBIO FERROVIÁRIO**



SALVADOR E SUAS CORES [2022]  
2ª Conferência Internacional África-Brasil:  
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

## Miolo de Salvador

O Miolo de Salvador é assim denominado desde os estudos do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano para a Cidade de Salvador (PLANDURB), da década de 1970. Este nome se deve ao fato da região situar-se, em termos geográficos, na parte central do município de Salvador, ou seja, no miolo da cidade. Possuindo cerca de 115 km, ele está entre a BR 324 e a Avenida Luiz Viana Filho, mais conhecida como Avenida Paralela, estendendo-se desde a Invasão Saramandaia até o limite Norte do Município (FERNANDES, 2004, p. 2).

É comum a associação dos processos de periferização e favelização a demandas por moradia nas cidades e a processos de remoção e expulsão de pobres dos centros urbanos para áreas distantes, a partir da gentrificação dos mesmos. Contudo, apesar da crescente demanda por habitação nos centros urbanos no início do XX e, notadamente, em meados desse século, com a massa de novos trabalhadores negros libertos do regime escravocrata, ou do crescimento por migrações regionais e internacionais incentivadas pelas mudanças no perfil da economia antes majoritariamente agrária em direção à industrialização, tais leituras abarcam apenas parte da complexidade desse longo processo histórico-social e espacial, ao preterir o componente étnico-racial como um dos pontos centrais do problema.

Nesse sentido, a tese defendida por Andreilino de Campos, geógrafo carioca, é de que as periferias (no caso do Rio de Janeiro, as favelas) foram transmutadas a partir de sua formação socioespacial original - o quilombo. O autor analisa a constituição histórica, territorial e relacional dos quilombos periurbanos no Rio de Janeiro no século XIX, locais de difícil acesso por sua vegetação densa e relevos acidentados (CAMPOS, 2010). Tais localidades serviram de refúgios para a massiva população negra urbana da época, a qual somava-se em torno de 60% da população total, para brancos pobres e foragidos da lei. A esse dado, somam-se a forte repressão do Estado para com a população negra escravizada e forra, a ideologia do embranquecimento presente no país a partir de meados do século XIX e a histórica e conflituosa questão fundiária brasileira, coroada



SALVADOR E SUAS CORES [2022]  
2ª Conferência Internacional África-Brasil:  
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

com a Lei de Terras em 1850<sup>5</sup>. Tais fatores foram fundamentais para a promoção da segregação socioespacial, da pobreza, da violência e da exclusão da população negra do acesso à terra e ao mercado de trabalho formal (CAMPOS, 2010). De acordo com o referido autor:

[...] a Abolição da Escravatura encontrou ainda esses espaços [quilombos] habitados, pois, [...], o Estado não foi capaz de extingui-los ao longo dos períodos colonial e imperial, permaneceram como tal até a cidade incorporá-los ao espaço urbano ou agrário. Portanto, admitir que o espaço quilombola fora transmutado em espaço favelado é incluí-los no processo maior, ou seja, é admitir que as populações pobres, através de suas apropriações dos espaços periurbanos, ilegais à luz do poder público, participaram da construção do espaço urbano das cidades. (CAMPOS, 2010, p. 24).

Partindo de tal compreensão, busca-se complexificar e dar ênfase às narrativas sobre o processo de ocupação do Miolo de Salvador a partir de seu espaço transmutado dos quilombos formados ainda no período colonial e imperial, os quais remetem a uma temporalidade mais alongada do que essa dos estudos urbanos convencionais. A região do Miolo pode ser considerada uma centralidade negra na cidade, devido a sua alta concentração de população preta e parda, em muitos bairros somando-se a quase 80%<sup>6</sup> do total de sua população, à grande concentração de terreiros de candomblé e à existência anterior de quilombos importantes na história da primeira capital do Brasil.

Nesse sentido, o antigo Quilombo do Cabula<sup>7</sup> é reconhecido por sua influência na formação inicial da área hoje conhecida como Miolo de Salvador. De acordo com Fernandes et al (2017), a história da ocupação do Cabula ocorreu por meio de quatro processos: i) “herança dos antigos núcleos quilombolas” durante o período de colonial; ii) “povoamento inicial” por meio de chácaras, roças e fazendas no século XIX; iii) “ação do Estado” no século XX, por meio de políticas de planejamento urbano e transformação

---

<sup>5</sup> Para ver mais sobre as formas historicamente excludentes de como se desenvolveu a cidadania brasileira com base na lei, no acesso à terra e nas relações de trabalho, consultar Holston (2013).

<sup>6</sup> Ver mais sobre os dados socioeconômicos dos bairros de Salvador na plataforma digital Observatório de Bairros de Salvador. Disponível em: <<https://observatoriobairrossalvador.ufba.br/>>. Acesso em: 29 jul 2022.

<sup>7</sup> No período colonial, parte das terras do Cabula foram doadas à Casa de Niza por Tomé de Sousa - 1º Governador Geral do Brasil -, e passaram a ser administradas à distância pelo procurador Thomás Silva Paranhos. Contudo, apesar de o direito de propriedade pertencer à tal família, na prática, as terras eram ocupadas em sua maioria por pequenos agrupamentos de pessoas, compostos pelas “camadas mais pobres da cidade, como pequenos agricultores e negros libertos”. Estes, por sua vez, formaram quilombos ao acolher os escravizados fugidos (MASCARENHAS et. al, 2019, pp. 5-6).



SALVADOR E SUAS CORES [2022]  
2ª Conferência Internacional África-Brasil:  
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

da malha urbana (ocupação horizontal); iv) “atuação do capital imobiliário” a partir dos anos 1990 e intensificação em 2010 com empreendimentos destinado à classe média (ocupação vertical). De acordo com os referidos autores, o Cabula “representa a expansão periférica marcante ocorrida na cidade a partir da década de 1950” (FERNANDES et al, 2017, p. 1).

Sobre a formação do Quilombo do Cabula no período colonial, Hildete Costa (2018) aponta que a área onde estava localizado era estratégica por ser distante dos núcleos mais urbanizados da cidade<sup>8</sup> e por servir, também, de passagem entre a capital e o interior. Assim, essa região constituía-se como um local ideal para esconderijos dos escravizados fugidos e negros libertos. Tais agrupamentos da população negra configurou o antigo Quilombo do Cabula<sup>9</sup>, destruído em 1807 pela polícia colonial (MASCARENHAS et al, 2019) com justificativas racistas sobre as atividades relacionadas aos cultos de matriz africana. Os terreiros e os quilombos formados nessa região eram ocupados pelos povos *bantos*, *yorubás* e *jejês* vindos do Congo e Angola e havia, também, indícios da presença prévia de indígenas tupinambás, os quais acolheram os escravizados fugidos e brancos pobres nesta área (COSTA, 2018).

Apesar da destruição do quilombo, a resistência da população negra permaneceu nas áreas próximas e de mais difícil acesso, como nos atuais bairros do Beiru, Saboeiro e Mata Escura, assim como também foram formados outros quilombos que se tem conhecimento, como o quilombo do Urubu e o quilombo do Gbeiru (MASCARENHAS et. al 2019). Inclusive, de acordo com Costa (2018, p. 37 - grifo nosso):

---

<sup>8</sup> Durante o período colonial até o século XIX, Salvador era composta por vinte freguesias (NASCIMENTO, 2007), dentre as quais existia a Freguesia de Santo Antônio Além do Carmo, de 1646, dividida em dois distritos: o Paço (1º distrito) núcleo mais urbanizado onde se situava a Igreja de Santo Antônio como matriz; e o 2º distrito, rural, composto por arraiais, roças e quilombos (COSTA, 2018). As áreas onde hoje conhecemos como Cabula, Beiru e outros bairros do Miolo de Salvador estão localizadas onde se situava o 2º distrito da freguesia de Santo Antônio Além do Carmo (NASCIMENTO, 2007; COSTA, 2018).

<sup>9</sup> Em levantamento colaborativo realizado pelo projeto Turismo de Base Comunitária com a população do Cabula e bairros próximos, foram identificados 17 bairros na composição do antigo Quilombo do Cabula: Arenoso, Arraial do Retiro, Barreiras, Beiru/Tancredo Neves, Cabula, Doron, Engomadeira, Fazenda Grande do Retiro, Mata Escura, Narandiba, Novo Horizonte, Pernambués, Resgate, São Gonçalo, Saboeiro, Saramandaia e Sussuarana. Ver mais em Costa (2018).



SALVADOR E SUAS CORES [2022]  
2ª Conferência Internacional África-Brasil:  
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

Os escravizados, apesar da força e do poder institucional da escravidão, sempre reagiram contra a submissão e a opressão criando comunidades alternativas. Com efeito, **alguns bairros atuais urbanos** (como Beiru, Engomadeira e Mata Escura), **originaram-se de comunidades de fugitivos**, formando os **quilombos um espaço de reminiscência ancestral**, de lembranças da liberdade; foram os primeiros locais onde os escravizados no Brasil puderam se reconhecer livres. As heranças culturais entre os índios e descendentes africanos brasileiros guardam muitas semelhanças.

É importante assinalar que as primeiras décadas do século XIX foram marcadas por conflitos entre os escravizadores, escravizados fugidos e negros libertos, o que fez com que a coroa portuguesa passasse a incentivar o loteamento das terras localizadas na área do Cabula e redondezas. A partir de 1839, quando as terras da Marquesa de Niza foram vendidas ao capitão Thomás Silva Paranhos, iniciou-se um lento processo de “transformação sócio-histórica e geográfica” no Cabula e arredores, que loteou, vendeu e arrendou “roças, terrenos, chácaras, fazendas e raros engenhos” a novos proprietários - famílias abastadas, com posses em outras freguesias que acumulavam terras, estrangeiros, pequenos produtores e negros libertos (MASCARENHAS et. al, 2019, pp. 8-13).

Apesar de o período ser marcado pela mudança no domínio das terras do Cabula e áreas vizinhas, todavia, sua ocupação ocorreu, em grande parte, pelos pequenos produtores agrícolas e negros libertos que também compraram terras nesse momento. Ademais, a despeito do loteamento das terras e do início de um novo contexto geográfico e social no local, com a entrada de novos proprietários (MASCARENHAS et al, 2019) e produção agrícola mais expressiva a partir de meados do século XIX, essa área manteve-se com características rurais por mais um século (FERNANDES et al, 2017).

Em virtude disso, destaca-se a importância de se conhecer as histórias que foram apagadas, seja pela ação repressiva do Estado, seja pela historiografia oficial, para que se possa compreender e reconhecer as bases que formam a cultura dos bairros negros do Miolo e, em grande parte, de Salvador.

*Beiru/Tancredo Neves*



SALVADOR E SUAS CORES [2022]  
2ª Conferência Internacional África-Brasil:  
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

O bairro Beiru/Tancredo Neves está localizado no Miolo de Salvador e faz divisa com os bairros de Sussuarana, Novo Horizonte, Arenoso, Cabula VI, Narandiba, Cabula, Engomadeira, Barreiras e Mata Escura. A área do Miolo, como dito anteriormente, concentra grande porção da população afrodescendente da cidade, realidade também presente neste bairro, com população total de 50.414 habitantes, sendo 52,51% autodeclarada parda e 34,06% preta; além disso, mais da metade da população, assim como nos outros bairros do Miolo, é composta por mulheres (53,21%) entre a faixa etária de 20 e 49 anos (52,57%) (OBSERVASSA, 2018)<sup>10</sup>. Ademais, 43,5% da população encontra-se na faixa de 0 a 1 salário mínimo, a renda média de responsável por domicílio corresponde a R\$1.039,00 e os responsáveis por domicílios que não foram alfabetizados somam 2,19%. Os dados da Conder/Informs (2016), organizados pelo Observatório de Bairros de Salvador (2018), apontam que a oferta de infraestrutura no bairro é de 94,04% para a coleta de lixo, 99,49% para o abastecimento de água e 96,66% para o esgotamento sanitário.

Para além da localização geográfica e dos dados socioeconômicos, importantes para a compreensão do bairro, faz-se necessário compreender uma peculiaridade interessante do ponto de vista histórico e político: seu nome nos dá pistas sobre os conflitos e disputas em torno das narrativas de sua história. O Beiru/Tancredo Neves carrega dois nomes muito distintos, o de um negro escravizado (GBeiru), sobre o qual há fortes indícios de sua existência na área onde hoje é o bairro, e, ao mesmo tempo, o de um conhecido político brasileiro que não tinha relação com o bairro e era branco (Tancredo Neves). Qual seria a razão para um bairro na região do Miolo, área considerada periferia da cidade e de grande concentração de população negra, carregar tais nomes? É recorrente vermos que as denominações contêm processos de formação da identidade coletiva de um lugar, ou de fatos históricos, ou representam características físicas do mesmo, como

---

<sup>10</sup> Dados retirados do Observatório de Bairros de Salvador (2018), organizados a partir dos dados da CONDER/INFOMS (2016). Disponível em: <<https://observatoriobairrossalvador.ufba.br/bairros/beiru-tancredoneves>>. Acesso em: 29 jul 2022.



SALVADOR E SUAS CORES [2022]  
2ª Conferência Internacional África-Brasil:  
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

acontece com a toponímia<sup>11</sup>, ou ainda, disputas políticas, como acreditamos ser o caso deste bairro.

A história de formação socioespacial de alguns bairros do Miolo de Salvador, como é também o caso do Beiru/Tancredo Neves, tem estreita relação com a formação do Quilombo do Cabula e com as lutas de resistência que o povo negro travou ao constituir quilombos em áreas distantes da área urbanizada da cidade durante o período colonial.

A história do bairro é um objeto em disputa há pelo menos desde meados da década de 1980, quando houve o plebiscito para mudança do nome do bairro. É oportuno mencionar a conjuntura política na qual o país se encontrava: período da redemocratização pós ditadura militar, o que certamente ocasionou impactos na vida da população nas mais diversas escalas, como as no âmbito das relações políticas na escala do bairro. Dessa forma, em 1985, após a morte de Tancredo Neves - primeiro presidente do Brasil eleito após duas décadas de ditadura, todavia não empossado pois faleceu no mesmo ano -, houve uma proposta de mudança do nome de Beiru para Tancredo Neves. Assim, por meio de um plebiscito entre os moradores, o bairro passou a ser conhecido somente como Tancredo Neves, uma figura pública que não possuía uma relação direta com a história daquele lugar.

Vale ressaltar que a justificativa para a mudança do nome do bairro pautava-se nas rimas pejorativas com o nome Beiru e na imagem de violência que o bairro tinha, contudo não se pode perder de vista uma importante questão de fundo nesta situação, a qual perpassa por conflitos fundiários de longa data, de acordo com o que pôde se depreender das reportagens de jornais que retrataram o bairro e seus conflitos em relação à disputa pelo nome. De acordo com tais fontes, pôde-se inferir que havia grupos distintos na disputa simbólica (nome do bairro) e objetiva (posse das terras), como, por exemplo, um descendente dos Garcia D'Ávila que, segundo o Jornal A Tarde (1987), havia alegações

---

<sup>11</sup> A toponímia “estuda a procedência significação dos nomes dos lugares, levando em consideração aspectos geohistóricos, socioeconômicos e antroponímicos que tenham influenciado sua escolha” (COSTA, 2018, p. 83).



SALVADOR E SUAS CORES [2022]  
2ª Conferência Internacional África-Brasil:  
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

de que eram proprietários da antiga Fazenda; o Conselho de Moradores do Beiru/Tancredo Neves, liderado por Dionísio Juvenal, ex-candidato à vereador que propôs o plebiscito de mudança do nome do bairro; e Eldon Araújo Laje, procurador e pai pequeno do Terreiro São Roque, em defesa do nome Beiru e do resgate das origens afrodescendentes do bairro (CORREIO DA BAHIA, 2005).

Tal disputa perdurou até 2005, dois anos após a sanção da Lei nº 10.639/2003 que tornava obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira nos currículos escolares do ensino fundamental e médio, e dava respaldo legal para a reivindicação do nome Beiru (ACCMN, 2007, p. 11). Em consequência da mobilização dos moradores, a partir dessa data houve o resgate do nome Beiru tanto nos letreiros dos ônibus, bem como para a memória coletiva e pertencimento dos moradores, passando a ser denominado de Beiru/Tancredo Neves. Em 2017, o bairro passou a ser oficialmente denominado de Beiru/Tancredo Neves, por meio da Lei Ordinária nº 9278 de 2017, a qual dispõe sobre a delimitação de denominação dos bairros de Salvador.

Compreende-se, então, a importância do reconhecimento da história do nome do Beiru/Tancredo Neves e da preservação da memória afrodescendente do bairro e de seus moradores.

Desta forma, é importante assinalar que as terras onde hoje se encontra o bairro faziam parte, no século XIX, da Fazenda Campo Sêco, pertencente à família Hélio Silva Garcia<sup>12</sup>, local onde o nigeriano Gbeiru foi levado para trabalhar como escravo em 1820, fato que consta até hoje na memória oral dos moradores mais antigos do bairro (ACCMN, 2007)<sup>10</sup>. Dentre os diversos aspectos importantes do patrimônio imaterial (e material) que Beiru representa para o bairro, o principal é seu papel como liderança quilombola devido

---

<sup>12</sup> Algumas fontes citam que a família dona das terras da Fazenda Campo Sêco era Hélio Silva Garcia (ACCMN, 2007; Martins, 2017; MASCARENHAS et al 2019; SANTOS et al, 2010), outras apontam como a família Garcia D'Ávila (ACCMN, 2007; JORNAL À TARDE, 1987). A ACCMN (2007) cita ambas as denominações. <sup>10</sup> "Beiru" é o título do livro com a biografia do personagem de mesmo nome, organizado pela Associação Comunitária e Carnavalesca Mundo Negro, em 2007. A Associação Comunitária e Carnavalesca Mundo Negro



SALVADOR E SUAS CORES [2022]  
2ª Conferência Internacional África-Brasil:  
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

à conquista, em 1845, de terras em seu nome doadas por seus escravizadores, o que possibilitou a formação do Quilombo do Beiru, mantido até 1888<sup>13</sup> (ACCMN, 2007).

Em consequência disso, Beiru é tido como símbolo de resistência negra, pois através da relação de confiança<sup>14</sup> que construiu com seus escravizadores, foi possível receber terras em seu nome, criar um quilombo e acolher outros negros escravizados, libertos, fugidos que puderam comercializar frutas da região e gozar de certa autonomia (ACCMN, 2007). Com sua morte, estima-se que no final do século XIX, sem herdeiros libertos, as terras voltam à posse da família Silva Garcia, que decidiu homenageá-lo alterando o nome da Fazenda Campo Seco para Beiru.

Em 1910, a família Garcia vende a Fazenda para Tatá Miguel Arcanjo, fundador do primeiro terreiro de candomblé no bairro, o Terreiro *Massanganga de Indú duxó* (da nação Angola Muxicongo), na antiga Casa Grande da Fazenda Campo Seco (COSTA, 2018), onde atualmente se encontra a 11ª Delegacia de Polícia (ACCMN, 2007). Tatá Miguel Arcanjo faleceu em 1941 e deixou suas terras para seu genro e filhas; do terreiro fundado por ele, temse conhecimento de seus três filhos de santo, que posteriormente fundaram seus próprios terreiros no Beiru: Manuel Rufino de Souza (Axé do Beiru, *Ilê Axé Tomin Bocun*); Olga Santos - Morena (fundou seu primeiro terreiro na baixa do Cabula em 1953 até receber uma área no Beiru e fundar o *Onzó Nsumbo Tambula Dicoa Dandalunda* – o Terreiro São Roque<sup>13</sup>, fundado em 1972); e Pedro Duas Cabeças (terreiro não identificado) (COSTA, 2018).

---

<sup>13</sup> Embora 1888 tenha sido o ano da Lei Áurea que determinava a abolição da escravidão no Brasil (Lei nº 3.353, de 13 de maio de 1888), os escravizados libertos permaneceram trabalhando para os donos da Fazenda Campo Sêco até 1910.

<sup>14</sup> Segundo Eldon Lage, Beiru “foi comprado como os outros escravos da fazenda, mas adquiriu gratidão da família por tê-los defendido numa disputa com o ramo dos Garcia d’Ávila”. (CORREIO DA BAHIA, 2005, p. 4). <sup>13</sup> Eldon Araújo Laje, conhecido como Gígio, procurador do terreiro São Roque, é um dos guardiões da memória e da história de Beiru e também um dos defensores da permanência do nome Beiru para o bairro. De acordo com o jornal Correio da Bahia (2005), ele apresenta e busca indícios da existência da raiz africana do bairro ligada ao negro escravizado Gbeiru.



SALVADOR E SUAS CORES [2022]  
2ª Conferência Internacional África-Brasil:  
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

Dessa forma, o Beiru/Tancredo Neves é marcado por uma vasta comunidade de terreiros, cuja importância da herança de matriz africana na formação e permanência<sup>15</sup> dos moradores no bairro pode ser entendida, também, pelo papel dos terreiros como símbolos e que luta para a permanência do nome que remete à ancestralidade afrodescendente desde a década de 1980, além de desenvolver trabalho social no Beiru e em bairros próximos, como Mata Escura, Narandiba e São Gonçalo<sup>16</sup>. Marcadores para orientação no interior do bairro (MARTINS, 2017). Toda essa potência é pode ser percebida pela existência atual de 14 terreiros<sup>17</sup>: *Nsumbu Tambula Dicolia Meia Dandalunda/ Terreiro São Roque* (1943), *Terreiro Olufanjá* (1969), *Azilô Kasangi Raiz de Omim Silê* (1977), *Ilê Axé Pnadamim Bomifá* (1978), *Ilê Axé Ofan Onisidé Omim* (1981), *Ilê Axé Iyaomiré* (1987), *Centro de Boiadeiro* (1989), *Ilê Axé Fili bomim* (1992), *Ilê Axé Mojarê* (1998), *Sessão de Giro* (2000), *Terreiro Oya Omim Olorum* (2001), *Funanji Filho* (2002), *Ilê Axé Anjualé* (2005) e o *Terreiro Tumbeci* (sem data origem).

Vale ressaltar, ainda, que apesar da lenta ocupação e da característica rural dos bairros do Miolo de Salvador até meados do século XX, o Cabula continuou a ser um vetor de expansão urbana para esta região, que foi atendida por políticas de planejamento urbano e as transformações em sua malha urbana, além do massivo processo de ocupação espontânea, notadamente a partir de 1970, momento da implantação da Avenida Luiz Viana Filho (Paralela) e de outras centralidades nesse novo vetor de expansão urbana em direção ao litoral norte (FERNANDES et al, 2017; COSTA, 2018; PLANMOB, 2017).

Isto posto, compreendemos que a leitura da presença negra e a dinâmica do bairro negro no Beiru podem ser percebidas pelas *memórias negras, racialização do espaço urbano e trajetórias negras no território* desde sua ocupação quilombola, no período colonial,

---

<sup>15</sup> Um exemplo disso é o caso do Candomblé de Rufino, Terreiro onde os moradores se reuniam para discutirem e se organizarem politicamente no período da ditadura militar (ACCMN, 2007).

<sup>16</sup> Fonte: SALVADOR CULTURA TODO DIA. Disponível em: <[http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br/vivendo-polo.php?cod\\_area=4&cod\\_polo=58](http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br/vivendo-polo.php?cod_area=4&cod_polo=58)> . Acesso em: 02 set. 2022.

<sup>17</sup> Ver mais em Mapeamento de Terreiro de Salvador, estudo realizado pelo Centro de Estudos Afro Orientais (CEAO) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Disponível em: <http://www.terreiros.ceao.ufba.br/apresentacao>. Acesso em: 21 out. 2022.



SALVADOR E SUAS CORES [2022]  
2ª Conferência Internacional África-Brasil:  
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

mas também em sua reprodução contemporânea no que diz respeito à “transmutação” do quilombo em espaço favelado, como bem defendido por Andreilino Campos (2010). Assim, não é difícil notar que a quantidade de terreiros e nomes ligados às culturas de matriz africana estejam localizadas e concentradas nessa região central de Salvador. Atualmente, o bairro conta com 14 terreiros mapeados, o que evidencia a presença não somente ancestral afrodescendente na formação do bairro, como também sua permanência nos rituais religiosos de matriz africana e sua reprodução na juventude negra mobilizada por meio da arte e da cultura.

Outro aspecto também importante de ser levantado diz respeito às *sociabilidades negras* no bairro, que pode ser notada não só por sua característica comunitária nos sistemas de mutirões para as construções de casas dos moradores durante os finais de semana<sup>18</sup>, bem como na organização política em torno das questões do povo negro, como a criação da Associação Comunitária e Carnavalesca Mundo Negro, em 1983<sup>19</sup>, à frente da luta pela preservação da história e da raiz afrodescendente. Outras ações também podem ser citadas no âmbito da arte e da cultura, como é o caso da Pinacoteca do Beiru<sup>20</sup>, que leva arte de forma crítica para a população do bairro, ao trazer questionamentos de questões relacionadas ao genocídio da juventude negra e ao utilizar a arte como ferramenta socioeducativa que valoriza a memória e a resistência do povo negro e abre possibilidades para novos imaginários sobre o bairro.

## Subúrbio Ferroviário

---

<sup>18</sup> Ver mais em “DOMINGO ALEGRE AGITA O BEIRU”. TRIBUNA DA BAHIA, 21.03.1988, p.41. Disponível em: < [http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br/vivendo-polo.php?cod\\_area=4&cod\\_polo=58](http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br/vivendo-polo.php?cod_area=4&cod_polo=58)>. Acesso em: 30 ago. 2022.

<sup>19</sup> “Fundado em 1983, surgiu como entidade de luta e resistência à mudança do nome do bairro que homenageava o grande líder negro que lutou pela liberdade de seus irmãos. Originalmente chamado de Beiru e que hoje é

<sup>20</sup> Ver mais no site da Pinacoteca do Beiru. Disponível em:<<https://pinacotecadobeiru.art/>> e na rede social Instagram Pinacoteca do Beiru. Disponível em: <<https://www.instagram.com/pinacotecadobeiru/>>. Conferir também em Observatório de Bairros de Salvador, aba Notícias. Disponível em: <<https://observatoriobairrossalvador.ufba.br/pinacoteca-do-beiru>>. Acesso em: 21 out. 2022.



SALVADOR E SUAS CORES [2022]  
2ª Conferência Internacional África-Brasil:  
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

Subúrbio Ferroviário é a denominação dada ao conjunto de bairros localizados na porção noroeste da cidade de Salvador, distribuídos, de acordo com o IBGE, nos bairros: Alto da Terezinha, Alto do Cabrito, Calçada, Coutos, Fazenda Coutos, Itacaranha, Lobato, Nova Constituinte, Paripe, Periperi, Plataforma, Praia Grande, Rio Sena, Santa Luzia, São João do Cabrito e São Tomé. Seus limites estão na região do Miolo de Salvador, a orla da Baía de Todos os Santos, tendo como limites também o bairro da calçada na cidade Baixa e o bairro de São Tomé do Paripe, como último bairro desta região da cidade. A região ficou conhecida como subúrbio ferroviário, quando da instalação da estrada de ferro Calçada-Paripe em 1850, que liga os o bairro da Calçada, na Cidade Baixa, até o bairro suburbano de Paripe.

De acordo com o último censo, feito em 2010, a população do subúrbio Ferroviário chegou a 283.415 habitantes, cerca de 47,79% da população era composta pelo sexo masculino e 52,21% do sexo feminino. O bairro de Paripe é o mais populoso com 55.039 habitantes e a maior parte se autodeclarou parda (56,14%) e preta (28,48%), tais características de autodeclaração se repetem nos demais bairros que compõem o subúrbio, como Plataforma, quem em 2010, contava com uma população total de 34.034 habitantes, a maior parte se autodeclarou parda (55,55%) e preta (29,46%), esses dois exemplos ajudam a evidenciar a forte presença negra nos bairros que compõem o subúrbio ferroviário, que em 2010 totalizavam autodeclaração parda (55,67%) e preta (30,77%), passando assim de 85% a ocupação negra da região.

A região do Subúrbio Ferroviário, tem papel de centralidade em diversos momentos históricos da cidade de Salvador. Sua ocupação é percebida através de registros que datam o denominado Tancredo Neves. Após algumas reuniões com outros grupos que lutam pela igualdade, resolveram criar uma associação para assumir a voz daqueles



SALVADOR E SUAS CORES [2022]  
2ª Conferência Internacional África-Brasil:  
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

insatisfeitos com a mudança de nome e realizar um trabalho social com as comunidades carentes dos bairros: Beiru, Mata Escura, Narandiba e São Gonçalo”<sup>21</sup>

Tais fatos históricos remontam o território do subúrbio do século XVI e XVII, partindo da perspectiva do colonizador, no entanto o território suburbano é de extrema importância no contexto da resistência e constituição de territorialidades negras já no século XVII, como por exemplo a região onde hoje se encontra o parque São Bartolomeu, é a mesma onde outrora comunidades quilombolas travaram lutas de resistência e pelas suas libertações; foi também nesta região onde ocorreu de Fevereiro de 1822 até Julho de 1823, a guerra da Independência da Bahia.

Alguns historiadores, como Luís Henrique Dias Tavares, que foi professor da Universidade Federal da Bahia (UFBA), afirma em seu livro, “A Independência do Brasil na Bahia” (1977), que a data em que comemoramos a independência brasileira, em 07 de setembro de 1822, é uma data simbólica, não se tratando da real data da independência do Brasil, até porque um pedaço enorme do país, como a região Nordeste, ainda não era independente, neste ano, em que comemorasse os 200 anos da independência, outras narrativas são disputadas em diversas pesquisas e projetos, com o objetivo de evidenciar outras e outros protagonistas nesse processo, sobre tudo mulheres e homens negros.

É possível afirmar que a independência do Brasil não seria possível se não houvessem as lutas de mais de um ano, que culminaram no 2 de Julho (de 1823), data tradicionalmente comemorada na Bahia como a real independência do Brasil. E essas lutas não seriam possíveis sem a participação negra. As narrativas e iconografias que remontam o momento histórico, não são protagonizadas pela população negra e nem por mulheres, estas foram responsáveis pelas estratégias e articulações territoriais, que

---

<sup>21</sup> (FUNDAÇÃO GREGÓRIO DE MATOS). Disponível em: [http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br/vivendopolo.php?cod\\_area=4&cod\\_polo=58](http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br/vivendopolo.php?cod_area=4&cod_polo=58). Acesso em: 30 ago. 2022.



SALVADOR E SUAS CORES [2022]  
2ª Conferência Internacional África-Brasil:  
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

deram a vitória ao povo Baiano e como disse em 2011, a então vereadora Olívia Santana (PCdoB) em sessão especial, no Plenário Cosme de Farias: “O que não é registrado não é reconhecido. Temos que quebrar este jejum e esta invisibilidade. Se oficialmente não foi registrado, precisamos recorrer à memória popular para garantir que as nossas verdadeiras heroínas não sejam esquecidas” (SANTANA, Salvador, 01/07/2011).

A centralidade negra de ocupação do Subúrbio Ferroviário e região do Miolo de Salvador também pode ser evidenciada por Marco Aurélio Gomes (1990), que nos mostra como a cidade de Salvador estava cercada por comunidades negras:

Ainda que esta não tenha se dado, no período em pauta, de forma contínua e extensiva, mas por "manchas" isoladas, parece que ela respondia efetivamente ao que poderíamos chamar de uma "dinâmica negra": com efeito, rastrear a ocupação da enorme periferia de Salvador no século XIX é, sobretudo, deparar-nos com a existência de "territórios negros": quilombos, roças e candomblés (GOMES, 1990 apud RAMOS, 2013, p. 89).

Maria Estela Ramos, por meio da pesquisa de sua tese de doutorado, em 2013, localiza junto aos autores Maria de Lourdes Siqueira, Manoel Antônio Santos Neto e Walter de Oliveira Passos, os Quilombos históricos, localizados na cidade de Salvador, evidenciando o os territórios negros, como citou Gomes (1990, p. 188):

Em Salvador, são poucos exemplos de quilombos que se perpetuaram em área urbana. Segundo Passos (1996), Santos Neto (1984) e Siqueira (2005), os quilombos localizados (e suas respectivas descobertas) em Salvador que conseguimos mapear em breve pesquisa são: Quilombo do Rio Vermelho (1620), Quilombo Buraco do Tatu (1744) em Itapuã, Quilombos dos Mares e Cabula (1807) e Quilombo do Urubu (1826) em Pirajá. Acrescentaríamos aqui também o Quilombo Alto do Tororó, certificado como remanescente de quilombo pela Fundação Cultural Palmares, em 04/11/2010, pelo processo 54160.002357/2011-80 localizado no bairro São Tomé de Paripe, ocupando as margens da baía de Aratu e tem seus primeiros anos de ocupação datados do final do século XVII e início do século XVIII. O quilombo é reconhecido por ser uma das poucas áreas remanescentes quilombola, extrativista, de terreiro e pesqueira. O último censo



SALVADOR E SUAS CORES [2022]  
2ª Conferência Internacional África-Brasil:  
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

feito pelos moradores, foi em 2010, somando 426 habitantes, em 126 núcleos familiares.

Acreditamos que a partir da escrita da caracterização desta área da cidade, era preciso ressaltar e reafirmar a presença negra histórica do subúrbio ferroviário, antes mesmo dos projetos ferroviários e rodoviários que cruzam urbanisticamente esta região. O subúrbio ferroviário é marcado pelos espaços de preservação e sociabilidades da cultura de mulheres e homens negros. Poderemos acompanhar um pouco mais dessas características e sociabilidades históricas a partir da escrita sobre o bairro de Periperi localizado no subúrbio ferroviário.

### *Periperi*

Em 1944, Jorge Amado descreve Periperi como “a capital do subúrbio”. Ainda na descrição presente no livro “Bahia de Todos os Santos”, Jorge Amado vai dizer que o bairro possui:

“algumas boas casas residenciais (...) No mais casas para operários. Houve um tempo em que as casas ali eram baratas, quase sempre fechadas no inverno, abrindo-se no verão para os que fugiam do calor da cidade. Hoje, com a crise de moradia, é tão difícil conseguir uma casa em Peri-Peri quanto no centro da capital. (...) Dois ou três candomblés, uma pequena igreja católica, um cinema que funciona dois dias na semana, a praia, as árvores na rua.” (AMADO, 1944).

Após a instalação de refinarias de petróleo e do Centro Industrial de Aratu (CIA) no município de Simões Filho (Região Metropolitana de Salvador), na década de 1960 e com a construção da Avenida Suburbana na década de 1970, o bairro descrito por Jorge Amado cresceu demograficamente e espacialmente. Os dados do Censo de 2010 indicavam que o bairro Periperi possuía então uma população total de 47.179 habitantes, onde a maior parte se autodeclarou parda (54,47%) e preta (30,96%), e se encontrava na faixa etária economicamente ativa, de 20 a 49 anos (50,96%). Portanto, um bairro negro da classe trabalhadora.

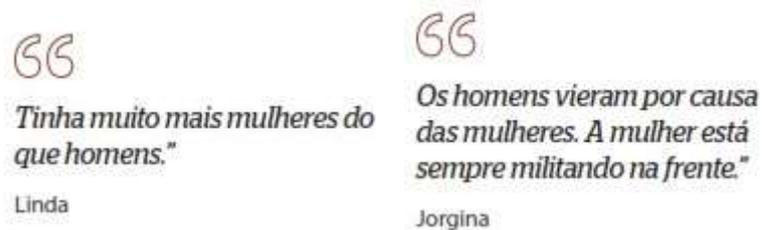


SALVADOR E SUAS CORES [2022]  
2ª Conferência Internacional África-Brasil:  
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

Os “dois ou três” candomblés também se multiplicaram, segundo o Mapeamento dos Terreiros de Salvador realizado pelo Centro de Estudos Afro-Orientais da UFBA, o bairro concentra 27 casas de axé. O mais antigo, *Ilê Axé Unzó Lecousi de Inzambe*, foi fundado em 1928, portanto testemunha da transformação do bairro de Amado aos tempos atuais. As *memórias negras* são elementos fundamentais para compreender a *racialização do espaço urbano* a partir das *trajetórias negras* no território, sendo a toponímia importante guardiã destas histórias. O Quilombo do Urubu, previamente citado, ultrapassa as fronteiras das divisões administrativas do município e vai também territorializar Periperi, no tempo presente, através da Ocupação Guerreira Zeferina, nomeada em homenagem a líder quilombola de outrora. Com isso, podemos perceber como a relação de tempo e de espaço se dão a partir de uma lógica ancestral nos bairros negros.

Enquanto verdadeiras zeladoras dos sonhos que resistem nestes territórios, a presença das mulheres negras é notada no recontar da fundação de bairros negros. É o caso da história da comunidade Guerreira Zeferina (também conhecida como Cidade de Plástico), localizada no bairro Periperi. Em 2006 ocorreu uma ocupação organizada pelo Movimento dos Sem Teto da Bahia (MSTB) que foi caracterizada pelas próprias participantes (Figura 4) enquanto uma movimentação protagonizada por mulheres:

**Figura 4:** Recorte da publicação “Guerreira Zeferina: História da Comunidade”



**Fonte:** Guerreira Zeferina (2019)

Na luta por sua cidadania, com pertença e dignidade, *mulheres negras* utilizam de diversas estratégias para garantir espaços de sociabilidade, especialmente para a infância e juventude negra, fazendo importante papel comunitário na criação de vínculos identitários, rompendo com as narrativas estigmatizantes frequentemente associadas à bairros negros. No Periperi, Vera Lacerda, professora de história e mestra em filosofia, fundou junto com seu primo, Augusto César Lacerda, o bloco Ara Ketu. O local de



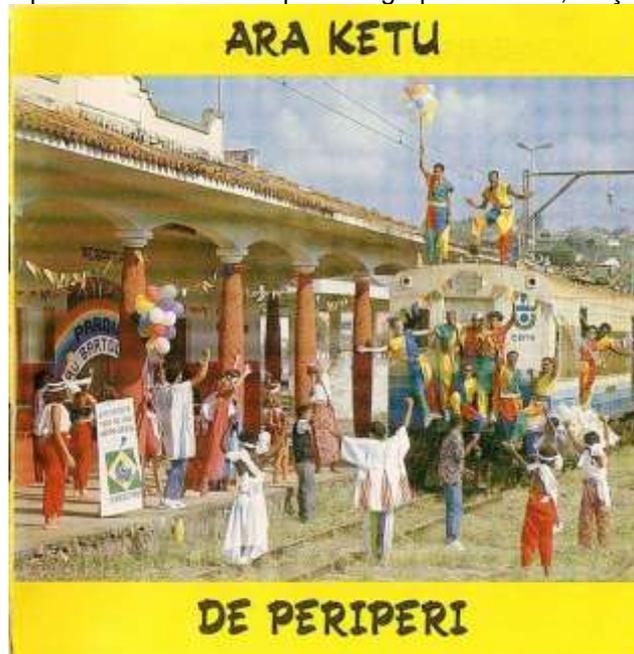
SALVADOR E SUAS CORES [2022]  
2ª Conferência Internacional África-Brasil:  
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

ensaios do grupo, fundado em 1980, logo se transformou no Instituto Ara Ketu, inaugurado no dia 13 de maio de 1997. Liderado por Vera, a primeira presidente mulher de bloco afro da Bahia, o IAK através de ações musicais e esportivas atende mais de 400 crianças e adolescentes, e ainda conta com cursos profissionalizantes para jovens e adultos do bairro. Em entrevista para Egi Santana (2014), Vera diz que "a ideia foi criar um bloco para contar a história da cidade (...)" (SANTANA, 2014). Considerando o enredo apresentado no segundo ano de desfile do bloco, em 1982 (também o ano de seu bicampeonato), onde apresentaram o "Princípio do mundo", cantando "Sinto Ara Ketu crescendo e o negro subindo/Ouçó a negrada cantando o seu canto é lindo", positivando o pertencimento racial negro e trazendo este lugar de fala para apresentar a cidade. No álbum lançado pelo grupo em 1993, "De Periperi", a relação com o bairro negro fica bem mais evidenciada, como na música "Minha História" que diz: "Periperi/ Faz parte da minha história/ E o subúrbio/ Presente na minha memória/ Chega o domingo/ Subo de trem/ Desce de trem/ Vou pr'o Araketu/ Curtir o suingue/ Com você, meu bem/ Na quadra no Ketu/ Exaltando e encantado/ Mostrando o suingue/ Do povo de lá/ Quem vem lá/ Com o seu ofá/ Trazendo a justiça/ E a sorte/ Nada de morte/ Só quero alegria/ E vamos cantar". O que vemos em Periperi, se reproduz em outros bairros negros de Salvador e aponta a importância política da dimensão cultural de nossas vidas. Os blocos afros que tem no Carnaval o seu maior momento de exposição, mas atuam em suas comunidades durante todo o ano, trazem para o imaginário coletivo outros discursos, personagens e eventos. A canção nos permite vislumbrar dinâmicas territorializantes que se materializam no Periperi, das relações internas, sociais e de tradição, bem como dos enfrentamentos que fazem da morte algo presente também. A letra continua: "O subúrbio também/ Tem a sua grandeza/ Tem o seu litoral/ Coisas da natureza amor/ O Araketu nos mostra/ A verdade e beleza/ Dessa terra também/ Inserida pelo criador", construindo uma contra narrativa acerca do bairro negro, a partir de uma demanda de mostrar "a verdade", afirmando a beleza e grandeza do lugar e, conseqüentemente, daqueles que o constituem cotidianamente.

A capa da obra (Figura 5) explicita a ligação da linha ferroviária com este bairro negro ao retratar as dinâmicas de territorialidade através da chegada do grupo na Estação Ferroviária de Periperi, sendo recebidos por representantes da comunidade.



**Figura 5:** Capa do álbum “De Periperi” do grupo Ara Ketu, lançado em 1993



**Fonte:** De Periperi (2022)

Observamos a indissociabilidade entre lugar, pertencimento e identidades na construção e proteção de bairros negros, potencializada pela articulação de mulheres negras, cuja presença garante no (re)fazer cotidiano a manutenção da memória e da tradição destes bairros, sendo importante fator de organização espacial e política.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Olhar para os bairros negros do Subúrbio Ferroviário e do Miolo de Salvador a partir de uma perspectiva sistêmica que considera a complexidade e a pluralidade existencial negra nos possibilita reconhecer as diversas formas que esta população produz o espaço urbano. A materialização das relações raciais na cidade de Salvador se dá cotidianamente, através de tudo que perpassa a vida do povo negro, aqui sintetizado em sete eixos principais.

Assim, a proposta analítica oferecida através da disciplina “Bairros Negros: a forma urbana das populações negras no Brasil” busca romper com uma lógica brancocentrada



SALVADOR E SUAS CORES [2022]  
2ª Conferência Internacional África-Brasil:  
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

presente na teoria urbana brasileira, que tradicionalmente tem olhado para os territórios negros enquanto espaços estigmatizados.

Para nós, além de uma oportunidade de nos aproximarmos da perspectiva sistêmica de interpretação das cidades, foi uma oportunidade de conhecer Salvador através das narrativas construídas por e a partir dos bairros negros.

Neste processo, ficou explícito que os bairros negros são os lugares na cidade onde a memória negra e a trajetória de nosso povo estão salvaguardadas, seja nos nomes das localidades, dentro dos terreiros ou nas práticas históricas de sociabilidade e para manutenção das vidas, é aqui que a ancestralidade permanece viva. Com isso é possível olhar para o Miolo da cidade de Salvador e percebê-lo enquanto território descendente de aquilombamentos, sendo necessária uma outra relação com o tempo e o espaço para compreender as dinâmicas urbanas que se dão nos dias atuais. Da mesma forma, é possível observar como as dinâmicas de trabalho e acesso à terra vão dinamizar o assentamento fundiário do Subúrbio Ferroviário e as estratégias de outrora sendo reproduzidas na ocupação mais recente.

Os bairros negros, portanto, tem suas particularidades, que se manifestam na vida cotidiana, através das expressões culturais locais, das variações linguísticas e outras características subjetivas, mas possuem elementos que os conectam, expressos nas formas de racialização do espaço urbano.

Evocar bairros negros enquanto conceito analítico para compreender as cidades brasileiras é reivindicar uma outra base referencial para dialogar com o Estado, reconhecendo que a administração brancocentrada do mesmo perpetua desigualdades a partir de sua estrutura. O acesso à direitos, que pode ser visto como presença do Estado através de postos de saúde, escolas e creches e outros aparelhos públicos, na verdade são fruto da presença de articulação política do povo negro, cientes de que nada daquilo que é necessário para uma vida com dignidade será dado pelo Estado de bom grado.



SALVADOR E SUAS CORES [2022]  
2ª Conferência Internacional África-Brasil:  
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

As demandas específicas dos bairros negros, diferentes dos bairros brancos, não estão naturalmente inclusas na Lei Orçamentária da cidade, sendo necessária outras formas de organização política para conquistar aquilo que deveria ser garantido por direito. As mulheres negras são importantes protagonistas desse processo. Frequentemente a linha de frente na ocupação, reprodução e proteção de territórios negros, chamou-nos a atenção as iniciativas construídas por e para elas na luta pelo direito à cidade. Cientes de suas condições de cidadãs, reivindicaram, em todos os tempos históricos nos bairros por nós pesquisados, os seus direitos e daqueles que habitam seus territórios. Os relatos da conquista de água e luz, acesso à educação e transporte público, além das denúncias das violências de Estado, mostram a indissociabilidade entre a história das mulheres negras, dos bairros negros e da cidade de Salvador.

## REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA E CARNAVALESCA MUNDO NEGRO. **Beiru**. Salvador: 2007. (Edição Educativa, nº1).

COSTA, Hildete Santos Pita. **Terreiro Tumbenci**: um patrimônio afrobrasileiro em museu digital. 2018. 324f. Tese (Programa de Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento) – Universidade Federal da Bahia – Faculdade de Educação da Bahia, Salvador, 2018. Disponível em: <<http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/28515>>. Acesso em: 28 abr. 2022.

CUNHA JUNIOR, Henrique. Bairros negros, a forma urbana das populações negras no Brasil. **Crítica e Sociedade**, Uberlândia, v. 10, n. 1, p. 16-27, 19 nov. 2020. EDUFU - Editora da Universidade Federal de Uberlândia. <http://dx.doi.org/10.14393/racs-v10n1-2020-57847>.

Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/criticasociedade/article/view/57847>. Acesso em: 25 abr. 2022.

CUNHA JUNIOR, Henrique. Bairros negros: epistemologia dos currículos e práticas pedagógicas, 2017.

**DE PERIPERI**. Disponível em: <https://rateyourmusic.com/release/album/araketu/deperiperi/>. Acesso em: 29 ago. 2022.

**ESCOLA COMUNITÁRIA LUÍZA MAHIN E O PROTAGONISMO FEMININO**.

Salvador: Observatório de Bairros de Salvador, 2022. Disponível em:

<<https://observatoriobairrossalvador.ufba.br/escola-comunitaria-luiza-mahin-e-oprotagonismo-feminino>>. Acesso em: 30 ago. 2022.



SALVADOR E SUAS CORES [2022]  
2ª Conferência Internacional África-Brasil:  
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

FERNANDES, Rosali B. Processos recentes de urbanização em Salvador: O Miolo, região popular e estratégia da cidade. *In: Biblio 3W, Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*, Universidad de Barcelona, Vol. IX, nº 523, 20 de julio de 2004. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/b3w-523.htm>> . [ISSN 1138-9796].

FERNANDES, Rosali Braga; PENA, João Soares; OLIVEIRA, Letícia Gabriele Santos De; SOARES, Vanessa Beckman. Desenvolvimento urbano no cabula: categorias de análise na interpretação das transformações do espaço urbano, com ênfase na questão habitacional. *In: VI Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VI ETBCES*, 2016, Salvador, **Anais** [...] Salvador, 2016. Disponível em: <[http://www.etbces.net.br/images/etbces/anais/2016/04\\_poster\\_gt\\_inovacao-rosali.pdf](http://www.etbces.net.br/images/etbces/anais/2016/04_poster_gt_inovacao-rosali.pdf)>. Acesso em: 29 abr. 2022.

**GUERREIRA ZEFERINA**. Salvador: Avsi Brasil, 2019. Disponível em: <http://www.avsi brasil.org.br/wp-content/uploads/2021/03/Publicacao-GuerreiraZeferina.pdf>. Acesso em: 29 maio 2022.

HOLSTON, James. **Cidadania insurgente**: disjunções da democracia e da modernidade no Brasil. Tradução Claudio Carina; revisão técnica Luísa Valentini. - 1 ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LIMA, Jamile de Brito; PENA, João Soares; FERNANDES, Rosali Braga. Os "Cabulas" de Salvador: confrontando as delimitações de 1992 e 2010. *In: Revista Geográfica de América Central*, Número Especial EGAL, 2011- Costa Rica, II Semestre 2011. pp. 1-17.

MASCARENHAS, Adriano Nascimento; SILVA, Francisca de Paula Santos da; VIANA, Juciara da Conceição; MARTINS, Luciana C. de Almeida; SENA, Rodrigo de Souza. Donos de terras do Cabula: dos núcleos quilombolas às roças. *In IX Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária- IX ETBCES*, 2019, **Anais** [...], Salvador, 2019.

Disponível em:

<[http://www.etbces.net.br/images/etbces/anais/2019/linha2\\_artigo\\_ix\\_etbces\\_Luciana\\_Martins\\_Donos\\_de\\_terras\\_do\\_Cabula.pdf](http://www.etbces.net.br/images/etbces/anais/2019/linha2_artigo_ix_etbces_Luciana_Martins_Donos_de_terras_do_Cabula.pdf)>. Acesso em: 29 abr. 2022.

NASCIMENTO, Anna Amélia Vieira. **Dez freguesias da cidade do Salvador**: aspectos sociais e urbanos do século XIX. Salvador: EDUFBA, 2007.

RAMOS, Maria Estela R. **Bairros Negros: uma Lacuna nos Estudos Urbanísticos - Um estudo empírico-conceitual no Bairro do Engenho Velho da Federação, Salvador (Bahia)**. Tese de Doutorado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Salvador: PPGAU/UFBA, 2013.

SANTANA, Egi. **De secretária a filósofa, veja mulheres que comandam blocos no carnaval**. 2014. Disponível em:



SALVADOR E SUAS CORES [2022]  
2ª Conferência Internacional África-Brasil:  
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

<https://g1.globo.com/bahia/carnaval/2014/noticia/2014/03/de-secretaria-filosofa-vejamulheres-que-comandam-blocos-no-carnaval.html>. Acesso em: 29 ago. 2022.

SANTOS, Renato Emerson dos. **Sobre espacialidade das relações raciais: raça, racialidade e racismo no espaço urbano**. In:\_(Org.) Questões urbanas e racismo. Rio de Janeiro: DO e Alli& Associação Brasileira de Pesquisadores Negros, 2012.

SANTOS, Elizabete et al. **O caminho das águas: bacias hidrográficas, bairros e fontes**. Salvador, 2010.